

2. A declaração de guerra

2.1. O medo da guerra

No início dos anos 40, o perigo estava em toda a parte. O medo passou a ser um sentimento comum. No Brasil, a sensação de insegurança tornou-se mais concreta depois que os primeiros navios começaram a ser atacados e as mortes anunciadas nos jornais. Com a intensa atividade do DIP, muitas notícias sobre o que estava ocorrendo na Europa eram censuradas. Mas era possível captar informações em rádios estrangeiras, como a BBC, por exemplo. Relatos pessoais dos que já tinham fugido da perseguição nazista, como foi o caso do escritor austríaco Stefan Zweig, apesar de não serem publicados, eram de conhecimento de um pequeno grupo. As primeiras manifestações populares contra a proximidade do Estado Novo com os países do Eixo foram reação ao medo por parte da sociedade. O apoio brasileiro era fundamental para os aliados.

A manchete do jornal *O Globo* de 26 de março de 1941 era assustadora. Em letras garrafais, estampava: “Bombardeado um navio brasileiro! Errando o alvo, o avião, que tinha as insígnias *alemães*, metralhou e canhoneou, em seguida, o *Taubaté*. Um morto e oito feridos.”¹⁴⁷ Mesmo que a agressão tenha acontecido no Mar Mediterrâneo, a guerra estava mais perto do que imaginavam os brasileiros. Depois do ataque, houve reação do governo, mas o Reich não tomou conhecimento da queixa brasileira.¹⁴⁸ Antes do *Taubaté*, também no mês de março, outro ataque fez com que o navio *Santa Clara* desaparecesse nas ilhas Bermudas”.¹⁴⁹

Durante a Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, no mês de janeiro de 1942, o Brasil se uniu às repúblicas americanas¹⁵⁰. Finalmente, o país fez a declaração que rompeu relações com a Alemanha e a Itália - o Japão ainda

¹⁴⁷ Aluizio Maranhão. *O Globo Primeiras Páginas. 80 anos de história nas manchetes do Globo. Rio de Janeiro: 2005, p.49.*

¹⁴⁸ Hélio Silva, *Alemães atacam navios brasileiros. 1939-1942. História da República Brasileira.* São Paulo: Editora Três, 1998, p. 143. “Este prometeu uma solução, que nunca foi dada.”

¹⁴⁹ Idem. As Ilhas Bermudas ficam no Oceano Atlântico, próximas de Porto Rico.

¹⁵⁰ A Argentina e Chile se mantiveram neutros nessa época.

não era considerado inimigo direto nesse momento. A demora tinha uma explicação, existia uma divisão ideológica dentro do Estado Novo, com ministros simpatizantes aos países do Eixo e ministros que preferiam os países aliados. Os discursos do presidente Getúlio Vargas e do ministro Oswaldo Aranha durante a conferência foram publicados nos jornais e irradiados nas estações de rádio. Oswaldo Aranha declarou que a conferência era importante para defender valores éticos e morais.

(...) não somente porque as nossas terras, as nossas fronteiras, as nossas costas estejam ameaçadas, ou possam ser atacadas [mas também] a nossa religião, a nossa moral, as nossas famílias, as nossas raças, as nossas instituições, as nossas liberdades, enfim, as nossas ideias, estão em risco iminente de perecer.¹⁵¹

O ministro Góis Monteiro sabia que o Brasil iria provocar uma reação alemã assim que fizesse a declaração. Ao ministro Eurico Gaspar Dutra escreveu que o país não estava preparado para uma contrapartida da Alemanha. Em fevereiro de 1942, o navio *Cabedelo* foi bombardeado pelos alemães provocando a morte de todos os 54 tripulantes. No dia 15, foi a vez do *Buarque*; no dia 18, o *Olinda*. No dia 7 de março, o *Arabutã*; no dia 9 março, o *Cairu*. O afundamento dos navios e a morte de brasileiros fizeram com que a população reagisse com protestos e passeatas.¹⁵²

Além das manchetes sobre os afundamentos e mortes, outra notícia, em fevereiro de 1942, tomou conta dos jornais brasileiros: o suicídio do escritor Stefan Zweig e de sua mulher, Lote Zweig, em Petrópolis. Segundo os amigos, o ato sugeria o sentimento de pavor que a proximidade da guerra provocava principalmente nos judeus, famosos ou não, que já sabiam da existência da perseguição nazista na Europa. Um dos maiores escritores de língua alemã no mundo¹⁵³, Zweig procurou no Brasil um porto seguro, no fim de 1941, depois de ver seus livros queimados e ter que fugir para a Inglaterra.¹⁵⁴

¹⁵¹ Ricardo Steinfus, *O Brasil vai à guerra*. São Paulo: Manole, 2004, p.273.

¹⁵² Cristina Romanelli, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Ano 8, nº 89. Fevereiro de 2013, p.11. Ao todo, foram afundados 33 navios brasileiros, “quase 1.500 pessoas morreram nos naufrágios.”

¹⁵³ Ele é considerado o maior biográfico de todos os tempos. Escreveu sobre Balzac, Dostoiévski, Maria Antonieta, Joseph Fouché, entre outros.

¹⁵⁴ Stefan Zweig saiu de Viena em 1933, cinco anos antes da anexação da Áustria à Grande Alemanha.

A notícia do torpedeamento do navio *Buarque* deixou o escritor muito abalado. Nos primeiros meses no Rio de Janeiro, sentia-se feliz com a neutralidade brasileira. Mas, depois que escreveu “Brasil, País do Futuro”, Zweig começou a receber críticas de intelectuais brasileiros. Eles alegavam ser o livro uma obra de propaganda do Estado Novo. Por ter conversado algumas vezes com Lourival Fontes e por desconhecer em profundidade e a complexidade do Brasil, Zweig provocou essa impressão. “Em quarenta anos de vida literária, me orgulho de nunca ter escrito um livro por outra razão que a da paixão artística, e jamais visando [a] qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico.”¹⁵⁵

Ao advogado Alfred Gartenberg, austríaco como ele, disse uma frase enigmática quando foi questionado por que não mencionara a situação dramática dos judeus em Viena. “Você não pode compreender!... Veja, fui obrigado a escrever um livro sobre o Brasil. O que sei sobre o Brasil?...”¹⁵⁶ O jornalista Alberto Dines, autor de *Morte no paraíso*, sobre a vida de Zweig, disse que o escritor se sentiu obrigado a escrever o livro, em retribuição ao visto de permanência, muito difícil na época.¹⁵⁷

Lourival Fontes era uma pessoa cheia de contradições. Chamado de “Goebbels caboclo”, casou-se com a escritora Adalgisa Nery em 1940. Fontes não deixou boas lembranças nem na memória de Ivan e Emmanuel, filhos do primeiro casamento de Adalgisa com o pintor Ismael Nery. “Ele era um nazista tremendo. Lá em casa tinha um retrato de Hitler e outro de Mussolini; este, com dedicatória. Fontes achava Mussolini mais importante intelectualmente do que Hitler.”¹⁵⁸ Apesar disso, Fontes era, segundo Dines, um apaixonado leitor. “Seu respeito pelos intelectuais fez com que ajudasse refugiados judeus, como Paulo Rónai e Max Fisher (a virem para o Brasil). Seu fascismo intelectual não perturbava sua sagacidade política, o que lhe permitia manobras inesperadas”.¹⁵⁹

¹⁵⁵ *Stefan Zweig vive!* Catálogo da exposição no Centro de Cultura Raul de Leoni, Petrópolis, 2011.

¹⁵⁶ Alberto Dines, *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 238.

¹⁵⁷ Alberto Dines, entrevista feita por e-mail, no dia 12/9/2012.

¹⁵⁸ Ana Arruda Callado, *Adalgisa Nery, Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p.50.

¹⁵⁹ Alberto Dines, op.cit., p. 250. O autor explica que as informações foram cedidas por Raimundo Magalhães Jr.

Críticas à parte, Zweig e sua mulher saíram de Petrópolis, onde moravam, para conhecer o Carnaval carioca, em 1942. Pelo visto, a proximidade da guerra não afetou o astral festivo do povo na Praça Onze. Para seu amigo, o escritor francês Jules Romains, exilado na cidade do México, Zweig descreveu a festa dessa maneira:

O Carnaval do Rio foi uma coisa fantástica – infelizmente não pude deixar-me levar por aquela onda de embriaguez. Antigamente, adoraríamos ver uma cidade dançar, marchando, cantando durante quatro dias, sem polícia, jornais, sem comércio – uma multidão unida pela alegria...¹⁶⁰

Zweig, homem culto e viajado, curiosamente, não gostava do efeito que o rádio provocava nas pessoas. Ele chamou a uniformidade e a massificação da informação de “monotonização do mundo”.¹⁶¹ Na sua percepção, com o advento do rádio, as pessoas ficaram iguais no pensamento, gestos e até aparência física. No texto escrito em janeiro de 1925, o escritor explicou a razão de sua crítica.

Todas essas invenções têm um só sentido: simultaneidade. A simultaneidade ao se ouvir em Londres, Paris e Berlim uma coisa, esta uniformidade inebria, pelo superdimensional. É uma embriaguez, um estímulo para a massa, e, ao mesmo tempo, em todos esses novos milagres da técnica, uma imensa lassidão do espírito para o indivíduo, uma tentação perigosa para a passividade. (...) Sem que percebamos, nasce uma simultaneidade das almas, uma “alma da massa”, pela inclinação aumentada de tudo uniformizar, uma atrofia dos nervos em favor dos músculos, um morrer do indivíduo em favor do tipo.¹⁶²

Alberto Dines revelou que Zweig tentou alertar os ingleses sobre o que estava acontecendo no regime nazista antes do início da Segunda Guerra. Não conseguiu. O máximo que obteve foi uma entrevista na TV experimental da BBC¹⁶³, no fim dos anos 30, onde apareceu uma única vez, durante alguns minutos. “Naquela época não havia como gravar imagens. Sobrou apenas a transcrição do que disse. Zweig falava inglês com forte sotaque alemão - a língua do inimigo - e seria difícil ser aproveitado na BBC, naquela época.”¹⁶⁴

¹⁶⁰ Ibid., p. 382.

¹⁶¹ Adorno começou a escrever sobre a indústria cultural a partir de 1930, ao exilar-se nos Estados Unidos. Ele percebeu que os americanos viviam o clima conformista e faziam parte de uma multidão passiva.

¹⁶² Stefan Zweig, *Encontro com homens, livros e países*. Volume X. Rio de Janeiro, Editora Delta, 1960, p.137.

¹⁶³ A TV foi inaugurada em 1936, na Inglaterra.

¹⁶⁴ Entrevista por email, no dia 21 de agosto de 2012. Thomas Mann conseguiu transmitir, pela BBC, em alemão. Veja na p. 22.

Antes de suicidar-se, aos 61 anos, no dia 23 de fevereiro, Zweig escreveu uma carta de despedida, onde revelou que não poderia esperar por dias de paz. “Saúdo a todos os meus amigos! Que ainda possam ver a aurora após a longa noite! Eu, demasiado impaciente, vou-me embora antes”.¹⁶⁵

A massificação pelo rádio estava se tornando uma realidade, mas nem todos os intelectuais viam tantos fantasmas no novo meio de comunicação. O teatrólogo alemão Bertolt Brecht, por exemplo, acreditava que, no futuro, o público também teria chance de participar dos programas, tornando o veículo verdadeiramente democrático. O brasileiro Mário de Andrade escreveu, em 1940, que o rádio, com a sua linguagem simples e direta, trazia ao povo a cultura erudita. Mas o intuito do DIP não era esse. Ao tentar se tornar onipresente, “ampliando suas verbas, equipando-o convenientemente e permitindo que pudesse ter uma linha editorial bem ampla, ao publicar periódicos de feições variadas e atuar ainda no rádio, no cinema e na publicidade”¹⁶⁶, o departamento de Fontes não queria a participação das massas ou a sua conscientização.

“Maria Helena Rolim Capelato afirma que Getúlio Vargas não tinha interesse em mobilizar as massas para participar da vida política do Brasil, pois o autoritarismo do Estado Novo era desmobilizador. (...) A preocupação da ditadura era a de buscar o apoio das elites intelectuais leitoras de jornais e livros, e não das massas de ouvintes do rádio.”¹⁶⁷

“O DIP controlava a Agência Nacional, uma empresa de notícias, no molde das grandes agências noticiosas então existentes. Dentre os periódicos do DIP ressaltam-se as revistas de caráter popular *Brasil Reportagem*, com pouco texto e muitas fotos, e *Brasil de Ontem, Hoje e Amanhã*, com poucas fotos e muitos textos, geralmente curtos, diretos e fortemente exaltadores de Vargas e de seu regime. Ainda havia a revista de cunho intelectual *Cultura Política* e (...) outra especialmente criada para cooptar a imprensa, a *Dos Jornais*, uma espécie de *Seleções Reader's Digest* brasileira. Também coube ao DIP a publicação de livros, folhetos, boletins e cartazes. Estava a seu cargo o programa radiofônico “Hora do Brasil” (depois “A voz do Brasil”), de retransmissão obrigatória.”¹⁶⁸

¹⁶⁵ *Stefan Zweig vive!*, op. cit., p. 42.

¹⁶⁶ Orlando de Barros, “Os incontaminados contra as toxinas letais do vírus fascista: a imprensa oposicionista nos últimos meses do DIP”, In *200 anos de imprensa no Brasil*, Sílvia Carla Pereira de Brito Fonseca e Maria Letícia Corrêa (organização). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p.231.

¹⁶⁷ Antonio Carlos Silva, “Os nacionalismos nas ondas do rádio”. RECINE, Revista do festival Internacional de Cinema de Arquivo, nº6. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, setembro de 2009, p. 36.

¹⁶⁸ Orlando de Barros, *idem*.

O empréstimo de 20 milhões de dólares feito pelos EUA para a construção da Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, foi ao encontro de um projeto brasileiro antigo. Com a siderúrgica, o país poderia fabricar maquinário pesado e armamentos. No pacote das negociações, além de Volta Redonda, o Estado Novo tinha intenção de criar a Força Expedicionária Brasileira (FEB). O plano foi concretizado no final de 1942, com a Portaria Ministerial nº 4744. Em troca, a partir daquele momento, o país deveria aceitar a posição de predominância dos EUA.

O acordo garantiria aos EUA usar Natal e Recife como futuras bases aéreas. Mas nem os Estados Unidos nem a Grã-Bretanha acreditavam que o Brasil deveria lutar na guerra. Sem armamento, treino ou roupas adequadas, as tropas poderiam ser um fardo desnecessário para os países aliados. No entanto, “os EUA não podiam desconsiderar as solicitações brasileiras, dado o volume de contribuições positivas do Brasil ao esforço de guerra dos aliados”.¹⁶⁹

“O visconde de Halifax, embaixador britânico em Washington, relatou que os Estados Unidos usaram a falta de navios como desculpa para evitar uma remessa de armas, já que não queriam a criação de um exército poderoso no Brasil. A essa altura, o Foreign Office britânico descreditava inteiramente a possibilidade de envio da FEB ao teatro de guerra”.¹⁷⁰

O rádio, que estava vivendo a sua época de ouro no Brasil, apresentava as mesmas manchetes dramáticas dos jornais: “Hitler quebrou a resistência dos franceses com suas transmissões radiofônicas”; “A Rádio Berlim amoleceu a resistência na Europa”¹⁷¹. Saint-Clair Lopes, radialista conhecido e admirado, intérprete do personagem principal do seriado policial *O Sombra*, na Rádio Nacional, guardou na memória as manchetes. “Nunca se utilizou a radiodifusão como durante os seis anos da II Guerra Mundial. Cada qual procurava atrair simpatias para a sua causa. As notícias divulgadas no mundo inteiro provam essa verdade.”¹⁷²

¹⁶⁹ Gerson Moura, 1991, op.cit., p.27.

¹⁷⁰ Ibid., p.33.

¹⁷¹ Saint-Clair Lopes, op.cit., p.48.

¹⁷² Idem.

“Homens do governo pressentiram que os Aliados poderiam ganhar a guerra e passaram a pressionar Getúlio Vargas. O serviço de propaganda montado pelos ingleses abastecia-nos com informações, artigos e reportagens. Emissários americanos intensificaram suas visitas ao Brasil, dedicados a conquistar nosso país para a causa aliada. *Diretrizes* se tornaria um dos polos aglutinadores deste esforço antinazista, e essa seria uma das razões do sucesso alcançado pela revista.”¹⁷³

As manifestações populares continuavam crescendo e se tornando uma constante. Para os Estados Unidos, era preciso garantir o apoio definitivo do Brasil entre os aliados. No *Diário* de Getúlio Vargas, no dia 16 de janeiro de 1942, o presidente assegurava que a “a pressão norte-americana fora esmagadora” (...) e que a maior parte dos países americanos (...) foi coagido a entrar na guerra.

174

Dentro do governo, disputas geravam crises entre o chefe da polícia Filinto Müller e Lourival Fontes, e entre Fontes e o ministro da Guerra, general Gaspar Dutra. Müller achava que Fontes, antes de o DIP ser criado, assumiu para ele as funções da polícia. Para isso, “comprava” parte da imprensa com dinheiro. Dutra e Müller passaram a fazer “campanha de desmoralização”¹⁷⁵ contra Fontes, tanto que, em determinado momento, o chefe do DIP se aproximou politicamente de Oswaldo Aranha, na época Ministro do Exterior e liberal convicto.

(...) lá fora o povo fazia passeatas de protestos e seria precisamente uma manifestação de massa que iria precipitar a primeira crise de gabinete no Estado Novo. A 4 de julho de 1942, Filinto Müller tentou impedir que a UNE realizasse uma passeata antinazista. Favorável aos estudantes, Vasco Leitão da Cunha – ministro interino da Justiça – entrou em choque com o chefe da polícia. (...) O Ministério entrou em crise. Lourival Fontes, Francisco Campos, Filinto Müller e Vasco Leitão demitiram-se de seus cargos. Solidificava-se, assim, a base política do Governo para o envolvimento na guerra. E Oswaldo Aranha, pró-Aliados, via fortalecida sua posição no Ministério.¹⁷⁶

¹⁷³ Samuel Wainer, *Minha razão de viver. Memórias de um repórter*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p.59.

¹⁷⁴ Maria Celina D’Araujo, *O Estado Novo, Descobrimo o Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.50.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ *Nosso século Brasil, 1930/1945 (II)*, São Paulo: Abril Cultural, 1985, p.90.

2.2.

As expectativas e a atuação do rádio

O Estado Novo investiu nos programas populares da Rádio Nacional, criando uma empatia com a população que frequentava o auditório, acompanhava de casa as atrações e participava dos concursos musicais. Além disso, afastou os nomes mais identificados com o fascismo - Filinto Müller e Lourival Fontes – e fortaleceu o ministro do Trabalho, Marcondes Filho. Suas palestras semanais sobre trabalhismo na “Hora do Brasil” ficaram conhecidas. Apesar da escassez de produtos importados, inclusive a gasolina, os ricos continuaram apostando nos jogos de azar nos cassinos. O mais famoso era o Copacabana Palace, de onde a Nacional transmitia um programa radiofônico para os que não podiam pagar para ver o glamour das estrelas. Dali, eram divulgadas algumas músicas de qualidade duvidosa e que tinham como inspiração a guerra e a figura de Getúlio Vargas.

A Rádio Nacional continuava a sua meta de fazer a união nacional. Novos estúdios e um auditório com 496 lugares foram inaugurados em 20 de abril de 1942, dia seguinte ao aniversário de Getúlio Vargas. Para comemorar, foi realizada uma programação especial. Pouco tempo antes de deixar o governo, Lourival Fontes fez um discurso que refletia o quadro político-social da época. “Não sabemos com segurança o que nos aguarda e devemos estar vigilantes. O rádio, cada manhã, pela rapidez da palavra, será sempre agente eficaz dos propósitos que nos animam e das cautelas que as contingências nos impõem.”¹⁷⁷

A ideia do Estado Novo era fazer com que a rádio do governo continuasse disputando audiência e anunciantes com as outras emissoras comerciais com o objetivo de fazer a integração dos brasileiros. Assim, em 1940, a Nacional “deveria respeitar a variedade dos usos e costumes regionais, explorar a riqueza de nossa língua e de nossa música, criar uma programação atraente para todas as idades, inclusive crianças e idosos, e conquistar cegos e analfabetos”.¹⁷⁸

¹⁷⁷ *Revista do Rádio*, nº 342, p.3.

¹⁷⁸ Ana Baum (org.), *Vargas, agosto de 54 – a história contada pelas ondas do rádio*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004, p.151.

Nos anos 40, a Rádio Nacional possuía uma variedade de programas e musicais de várias procedências executadas por orquestras.¹⁷⁹

“Através dessa emissora, o regime buscava monopolizar a audiência popular contratando uma equipe exclusiva da rádio onde figuravam nomes como os de Lamartine Babo, Almirante, Ary Barroso, Emilinha Borba, Sílvio Caldas, Vicente Celestino. Para dar maior atrativo aos programas, o governo instituiu concursos musicais, através dos quais a opinião pública elegia os compositores favoritos”.

¹⁸⁰

O povo participava ativamente dos programas transmitidos ao vivo da Praça Mauá. Em qualquer parte do Brasil, a Rádio Nacional expandia as suas transmissões e tentava agradar todos os brasileiros, assegurando a homogeneidade cultural. O governo transmitia pelo rádio os comícios de 1º de maio, as comemorações de 7 de setembro, as paradas do Dia da Raça. Fazia parte de um trabalho de propaganda com o objetivo de construir uma identidade nacional. Todos os brasileiros estavam reunidos simbolicamente. Parecia existir, de fato, uma só comunidade.

O Estado Novo precisava se mostrar mais democrático. No lugar de Fontes, foi escolhido outro integrante do governo para propagandista do governo: o Ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho. Marcondes foi encarregado de exortar os trabalhadores aos infundáveis “esforços de guerra”, passando a desempenhar um papel fundamental no rádio.¹⁸¹ De janeiro de 1942 a julho de 1945, Marcondes Filho fez palestras semanais na “Hora do Brasil”, a fim de esclarecer os trabalhadores sobre as questões trabalhistas. Muitas vezes, fugia dessa temática e falava sobre a entrada do Brasil na guerra e a recepção do programa no exterior, por exemplo.

¹⁷⁹ Havia três orquestras completas e vários conjuntos regionais na Rádio Nacional.

¹⁸⁰ Mônica Pimenta Velloso, in Jorge Ferreira e Lucília Delgado (organização), op. cit., p.159.

¹⁸¹ Sonia de Castro Lopes, *Lourival Fontes. As duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 1999, pp. 95 -100.

Foram ao ar mais de 200 palestras, com duração aproximada de dez minutos, todas as quintas-feiras. No dia seguinte, as palestras eram publicadas pelo jornal porta-voz do regime, *A Manhã*. [Talvez por isso] o programa “Hora do Brasil” ficou conhecido popularmente como “o fala sozinho”. Para desfazer essa imagem, o governo, através do jornal *A Manhã*, realizava enquetes de opinião nas ruas da cidade, cujos resultados procuravam reforçar a impressão favorável do público.¹⁸²

Em fevereiro de 1943, o presidente Getúlio Vargas escreveu a apresentação do livro *Trabalhadores do Brasil!*, reunião de parte das falas radiofônicas do ministro. Para Getúlio, as palestras “(...) constituem, pela clareza e acerto dos conceitos, uma verdadeira interpretação das nossas leis trabalhistas”. O poder do rádio era realidade, a “Hora do Brasil”, referência nacional e as palestras de Marcondes Filho, a marca registrada dos anos 40.

“Tenho esperança de que em todas as cidades, em todos os distritos, nos rincões mais longínquos, onde quer que exista um sindicato de empregados ou de empregadores, porque a todos considero operários de um Brasil mais próspero e mais forte, a minha palavra seja entendida como a palavra de um amigo, de um sincero e dedicado servidor que não medirá sacrifícios para honrar o mandato que lhe foi confiado pelo eminente senhor Getúlio Vargas.”¹⁸³

O fim da era da repressão, no entanto, estava longe. O DIP continuaria se intrometendo em todas as questões mesmo depois do afastamento de Fontes. Fazia parte da estratégia do Estado Novo fazer com que seus homens de confiança pedissem demissão antes que o presidente o fizesse. Depois de algum tempo, os fiéis escudeiros seriam recompensados de alguma maneira.¹⁸⁴

Houve até mesmo a intensificação do controle à imprensa e ao rádio depois da saída de Fontes, como em tudo mais que implicasse em informação coletiva ou influísse de algum modo na opinião pública. A desculpa para o rigor do controle era a de que as medidas eram imprescindíveis à segurança nacional, dada à situação provocada pelo desenrolar do conflito mundial.¹⁸⁵

A rádio alemã chegou a comentar a demissão dos nomes que tinham “mais afinidade”¹⁸⁶ com o regime. Em seu diário do dia 26 de março de 1942, o chefe da propaganda nazista, Joseph Goebbels, escreveu que havia uma divisão no

¹⁸² <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>

¹⁸³ Marcondes Filho In <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/trabalhadores.html>

¹⁸⁴ Sonia de Castro Lopes, *Ibid.*, p. 101. Lourival Fontes foi trabalhar no Conselho Administrativo do Bureau Internacional do Trabalho, até 1944, depois foi nomeado embaixador no México.

¹⁸⁵ Orlando de Barros, *op.cit.*, p. 234.

¹⁸⁶ Sonia de Castro Lopes, *ibid.*, p. 96.

governo brasileiro. As palavras revelaram a proximidade com que mantinha com seus informantes e simpatizantes.

O presidente Vargas, que está muito ao nosso lado, e o chanceler Aranha, evidentemente comprado por Roosevelt, [e que] parece estar fazendo tudo (...) para provocar um conflito com o Reich e os países do Eixo. (...) Temos em nossas mãos uns 600 brasileiros, enquanto que, no Brasil, existem 150.000 alemães.¹⁸⁷

A opinião pública acompanhava as notícias pela BBC que não censurava as notícias como as rádios brasileiras. No dia 15 de agosto, os brasileiros souberam que o *Baependi* foi afundado e logo depois mais seis navios seriam torpedeados provocando a morte de 600 pessoas. Três dias depois, a União Nacional dos Estudantes liderou uma passeata de milhares de pessoas no Rio para apoiar os Aliados e rejeitar os países do Eixo. “Guerra!”, era o título em seis colunas do jornal *O Globo* no dia 22 de agosto. “O governo do Brasil reconhece o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália”.¹⁸⁸

a entrada do Brasil na guerra, no segundo semestre de 1942,¹⁸⁹ foi, realmente, a consolidação dessa mudança: o Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente. No decorrer dessa evolução, a imprensa teve condições para desafogar progressivamente as suas manifestações. A maioria dos jornais tomou o partido dos países que combatiam o nazi-fascismo: a propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam [ao] que acontecia no próprio Brasil.¹⁹⁰

A guerra trouxe muitos racionamentos não só para os trabalhadores, mas para a população em geral. A exorbitante alta de preços, aliada à escassez de gêneros alimentícios, gasolina e vários produtos importados, foi um dos problemas constantes sofridos por todos. “Faltavam a carne, o leite, os ovos, manteiga, as frutas, os gêneros de primeira necessidade. O câmbio negro grassava e ninguém explicava porque tudo subia de preço”.¹⁹¹ Os ricos, no entanto, tinham outros prazeres. Apesar de deixarem seus carros na garagem, eles continuavam se divertindo no Cassino da Urca, Atlântico, Icaraí e Copacabana Palace.¹⁹²

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Aluizio Maranhão, op.cit., p. 51.

¹⁸⁹ No dia 31 de agosto.

¹⁹⁰ Nelson Werneck Sodré, op. cit., p.383.

¹⁹¹ Orlando de Barros, op.cit., p.267.

¹⁹² Luiz Noronha, *Carlos Machado: O teatro da madrugada*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1998, p.52. “Calcula-se que o Rio chegou a ter algo próximo de mil e duzentos estabelecimentos de jogo, entre os grandes cassinos e as arapucas. O Copacabana Palace era o mais exclusivo”.

Forradas as janelas com *black-out*¹⁹³, os endinheirados brasileiros e estrangeiros apostavam suas fichas no jogo. Entre uma roleta e outra, os jogadores assistiam a shows ao vivo com artistas oriundos do rádio. Os que não podiam pagar pelo luxo, acompanhavam algumas transmissões radiofônicas diretamente do cassino. No programa “Ritmos da Panair”, Murilo Néri apresentava o que acontecia na boate Meia-Noite do Copacabana Palace, ao vivo, para todo o Brasil, pela Rádio Nacional.¹⁹⁴

Como parte das comemorações do aniversário de Getúlio Vargas, em 1942, uma grande festa foi organizada no Cassino da Urca pelo embaixador americano, Jefferson Caffery. O apresentador do espetáculo “Sinfonia do Brasil” foi o diretor americano Orson Welles¹⁹⁵. O diretor estava no Brasil, contratado pela RKO, para filmar “É tudo verdade”. Tornou-se, da noite para o dia, embaixador do pan-americanismo.¹⁹⁶ Chamando Getúlio de “bom amigo”, o diretor disse ao microfone: “Este programa está sendo transmitido pela maioria das estações de rádio do Brasil e por mais de cem emissoras norte-americanas”.¹⁹⁷

Para o show, foram convidados vários cantores e músicos que faziam sucesso na Rádio Nacional, e todos foram ouvidos por brasileiros e americanos “pelas ondas curtas da Blue Network”.¹⁹⁸ Entre os destaques, Welles apresentou ao vivo a marcha “Sabemos lutar”, música ufanista de Antônio Nássara e E. Frazão, (...) que preparava o cenário da guerra. A canção foi “devidamente explicada aos ouvintes dos Estados Unidos por Orson Welles, trocando gracinhas com Linda Batista, que era seu caso amoroso, em pleno palco”.¹⁹⁹

¹⁹³ O pano preto impedia que submarinos inimigos tivessem um alvo fácil em terra.

¹⁹⁴ <<http://www.revistamusicabrasileira.com.br/homenagens/carmelia-alves-permanece-majestade>>.

¹⁹⁵ Famoso por dirigir o programa radiofônico “A guerra dos mundos”, citado no capítulo um, e o filme “Cidadão Kane”.

¹⁹⁶ O filme ficou inacabado por falta de verba da produtora RKO. Nelson Rockefeller, dono do estúdio, se recusou a continuar patrocinando o trabalho que mudou de rumo no Brasil, tornando-se mais crítico.

¹⁹⁷ Antonio Pedro Tota, *op.cit.*, p.121.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p.120.

¹⁹⁹ João Perdigão & Euler Corradi, *O Rei da Roleta. A incrível vida de Joaquim Rolla*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p.275.

Na guerra
 Se eu tiver que combater
 Minha terra, juro que hei de defender
 Com amor, com ardor, com vigor
 De um peito brasileiro
 Hei de defender o céu azul
 Que cobre as esperanças da América do Sul
 Nós somos ordeiros, gostamos da paz
 Amamos a beleza da nossa natureza
 Mas se alguém vier nos desrespeitar
 Nós mostraremos que sabemos lutar
 E lutaremos por esse céu azul
 Que cobre as esperanças da América do Sul

O programa apresentado por Welles fazia uma síntese das atrações que faziam sucesso nos cassinos. Era um exemplo da alegria brasileira em um tempo sombrio na Europa e no Pacífico, depois do ataque às bases americanas em Pearl Harbour. Ao microfone, o americano elogiou a alegria brasileira. “A Urca é um dos últimos lugares autenticamente felizes do mundo”²⁰⁰, disse o diretor.

Compositores brasileiros começaram a escrever músicas para falar sobre o conflito, entre eles, Custódio Mesquita. “Mesmo dizendo-se apolítico, (...) ainda assim identificou-se com o tempo de Getúlio, em que a passividade política constituía-se essencial ao regime autoritário”.²⁰¹ A marcha “Espera, Maria”, de 1942, de Mesquita e René Bittencourt, preparava o clima em que iriam viver vários casais separados pela guerra.

Se eu for para a guerra, Maria,
 Amor, não fique triste, não
 Eu volto, Maria, eu volto
 Eu volto pra pedir a sua mão,

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Orlando de Barros, *Custódio Mesquita. Um compositor romântico no tempo de Vargas (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Funarte, EdUERJ, 2001, p. 373.

Maria, deixa a porta aberta
 Espera que a vitória é certa.
 Mais tarde vai ser prá nós dois
 Virão garotinhos depois
 Se um dia, Maria,
 A pátria precisar
 Nós temos soldados para dar.²⁰²

As músicas ufanistas, ou sambas-exaltação, nascidas para incensar a figura do presidente, entraram na moda nos anos 40, mas não resistiram ao tempo. A qualidade dessa safra não se comparava aos sambas de Noel Rosa, nos anos 30, por exemplo. O Ciclo Vargas, como ficou sendo conhecido o período, reuniu 42 canções.

“Além dos sambas grandiloquentes, ainda apareceram na era do DIP diversas composições de endeusamento e bajulação à figura do chefe do governo, como a marcha ‘Quem é o tal’ (Ubirajara Nesdan e Afonso Teixeira), de 1942, e os sambas ‘O sorriso do presidente’ (Alcir Pires Vermelho e Alberto Ribeiro), do mesmo ano, e ‘Salve 19 de abril’ (Benedito Lacerda e Darci de Oliveira), de 1943, que se referia à data do aniversário de Getúlio Vargas”.²⁰³

Em fevereiro de 1943, devido ao clima da guerra, não houve carnaval no Rio de Janeiro. A política brasileira mudava, mas nem tanto. Jornalistas, escritores e estudantes continuaram a reclamar da falta de liberdade. O *Jornal do Brasil*, o primeiro periódico a abrir suas páginas para o carnaval no Brasil, reconheceu que não havia clima festivo na cidade. Mas as escolas de samba decidiram ajudar a União Nacional dos Estudantes e da Liga de Defesa Nacional.²⁰⁴ A Portela cantou, sem desfilar, o samba “Democracia”²⁰⁵:

Palavra que nos traz felicidade
 Pois lutaremos
 Para honrar a nossa liberdade
 Brasil, Oh! meu Brasil!
 Unidas nações aliadas

²⁰² Ibid., p. 413.

²⁰³ Jairo Severiano, op.cit., p.269.

²⁰⁴ Sérgio Cabral, *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Almir Chediak Produções Ltda, 1996, p.137.

²⁰⁵ Sérgio Cabral, *A MPB na era do rádio*. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 1996. (Coleção Polêmica), p. 88.

Para o front eu vou de coração
 Abaixo o Eixo
 Eles amolecem o queixo
 A vitória está em nossa mão.

O Estado Novo também vinha interferindo nos temas carnavalescos. Os que eram considerados internacionalistas eram proibidos; os patrióticos, estimulados. Eram comuns os programas de rádio divulgarem as músicas de carnaval com muita antecedência, fazendo com que os cariocas se familiarizassem com as canções antes do início da festa. Mesmo sem carnaval, em 1943, os compositores João de Barro, o Braguinha, e Alberto Ribeiro lançaram o samba “Adolfito Mata-mouros”²⁰⁶, para ironizar a figura de Hitler.

A los toros,
 A los toros,
 A los toros, Adolfito mata-mouros

Adolfito bigodinho era um toureiro
 Que dizia que vencia o mundo inteiro
 E num touro que morava em certa ilha
 Quis espetar sua bandarilha.

Mas o touro não gostou da patuscada
 Pregou-lhe uma chifrada.
 Tadinho do rapaz!
 E agora o Adolfito, caracoles,
 Soprado pelos foles,
 Perdeu o seu cartaz

Os vários horários de novelas garantiam grande sucesso da Rádio Nacional. Mas nem todos os brasileiros podiam ouvir os capítulos, apesar do esforço da emissora para melhorar constantemente sua aparelhagem de

²⁰⁶ Sérgio Cabral, *A MPB na era do rádio*, op.cit., p. 89.

transmissão. As “[...] agências de publicidade produziam as novelas no Rio de Janeiro ou em São Paulo, gravavam e distribuíam cópias para serem irradiadas pelas emissoras do restante do país”.²⁰⁷

Um novo gênero de programa radiofônico surgiu nessa época: as séries de aventura para falar sobre a guerra ao público juvenil. Estavam nessa lista: “As aventuras de Fred Perkins”²⁰⁸, “O Homem pássaro” e “Barão Eixo”. Escrita e interpretada por Francis Hallawell, em Londres, a série “As aventuras de Fred Perkins” tinha episódios de 28 minutos e era enviada em ondas curtas para a Rádio Nacional.²⁰⁹ Mas os discos de acetato também vinham para o Brasil para serem irradiados, um tempo depois, em diferentes estações de rádio e serviços de alto-falantes.

Não há *scripts* disponíveis desses programas na BBC nem a data precisa de sua criação. É muito provável que os programas tenham sido gravados nos estúdios em Londres em 1943, antes de Hallawell se tornar Chico da BBC, correspondente na Itália, ao lado dos pracinhas brasileiros. No primeiro episódio, o personagem Fred sai em “busca da verdade”. Tentando achar uma coerência no meio de tantas versões jornalísticas desconstruídas divulgadas durante a guerra, o repórter da ficção tinha o mesmo sentimento dos correspondentes de carne e osso. Como dizia o jornalista Rubem Braga²¹⁰, a verdade era algo que não existia durante a guerra.

Na história, Fred montou um miniaparelho de rádio e transmitia ao vivo suas aventuras para o público. Tratava-se de algo inimaginável nos anos 40, antes dos satélites, transistores e *chips*. O personagem embarcou em um avião construído por um amigo e foi até a Alemanha, onde um aparelho inimigo derrubou seu teco-teco. Fred caiu em solo alemão, foi ameaçado de morte, mas acabou ouvindo as reações de Hitler em uma antessala. No programa, o *Führer* foi

²⁰⁷ Lia Calabre, *A Era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2ª edição, 2002, pp.36-37. “A técnica de gravação disponível na época utilizava discos que tinham sua base de alumínio recoberta de uma camada de acetato. Durante a Segunda Grande Guerra, com a utilização do alumínio para fins bélicos, as fábricas passaram a produzir discos de vidro.”

²⁰⁸ A gravação da *Collector's* tem como título: “Com a FEB na Itália”, volume 5.

²⁰⁹ Gravação feita antes de o correspondente ir para a Itália trabalhar com os pracinhas da FEB, que chegaram à Itália, a partir de 30 de junho de 1944.

²¹⁰ Correspondente de guerra, colega de Chico da BBC, no front italiano. O tema será abordado no terceiro capítulo.

ironizado por seus acessos de cólera e ataques de choro. Na prisão, foi salvo por uma bomba inglesa atirada de um avião da RAF. Assim ele conseguiu fugir.

“O personagem principal, Fred Perkins, assemelha-se a um herói das histórias em quadrinhos, pelo arrojo, ironia e humor na interpretação. Os líderes nazistas são ridicularizados como se fossem meros fantoches de Hitler. Fred Perkins oferece um relato que visa muito mais a distrair o ouvinte do que a apoiar o esforço de guerra.”²¹¹

Depois da vinheta característica do programa, animada com o tique-taque de ponteiros de um relógio, sons de xilofone e bumbo, o correspondente de guerra apresentava e atuava no programa infanto-juvenil “As aventuras de Fred Perkins”:²¹²

Transcrição:

Hallawell – Fred Perkins, correspondente de guerra. Fala Fred Perkins da Inglaterra. O aparelho transmissor do qual estou falando é meu. Confesso que esse momento é sen-sa-ci-o-nal porque, para falar a verdade, sabem de uma coisa? O aparelho foi todo construído por mim. Sempre gostei muito de rádio. Vocês compreendem, não é? É uma mania antiga, podem julgar por si. Mas, aqui entre nós, acho que meu aparelhinho não está nada mal... (ruídos de interferência).

Hallawell – Ai, ai, ai, desculpem. Vou contar como foi eu tive a ideia. Dia desses, estava pensando em um meio de receber notícias. Estou enjoado desse negócio de “fontes autorizadas informam de Berlim”, “contam fontes oficiais”, “um porta-voz militar”, depois vem outro que diz que foram 150 mil prisioneiros aqui, acolá. Daqui a pouco, não foi nada disso, ninguém fez 150 mil prisioneiros, foi outra pessoa que foi presa em um lugar muito diferente. Vocês sabem como é, não sabem? Estava eu nisso quando disse a minha mulher: e se tivéssemos um meio de saber a verdade? E ela me disse: “Pois é, Fred, e se fizéssemos isso?”

Hallawell – E, de repente, deu um estalo, feito (incompreensível) e por que não, Mabel? Afinal de contas, quem nos impede de ver? Saberíamos por nós mesmos a verdade se fôssemos nós mesmos ver a verdade. E foi assim que começou a história toda. (Continuação Anexo 1)

²¹¹ João Baptista de Abreu Junior, “Rádio e formação de mentalidades. Testemunha ocular da Guerra Fria na América Latina”. Tese de doutorado na Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2004, p.214.

²¹² Transcrição do seriado, Collector’s, op.cit. Depois, o programa passou a se chamar “As novas aventuras de Fred Perkins”.

De 1944 até 1946, outro seriado juvenil foi ao ar: “O homem pássaro”, na Rádio Nacional. Diariamente (com exceção dos fins de semana), às 17h30, a ficção era transmitida, com duração de 15 minutos. Também falava de guerra e de nazismo. No único disco de acetato que ficou na Rádio Nacional, o episódio “A vingança do Cérebro” não tem registro de data.²¹³ Nas coleções de *scripts* encadernados, foram preservados os seguintes títulos: “Um tesouro no deserto”, “Contra os monstros da ilha”, “As flores da morte”, “O segredo da múmia”, “Na ilha fantasma”, “No reino das amazonas”, “A aranha negra”, “Os demônios do gelo”.

No fim do capítulo gravado e narrado por César de Alencar, ainda disponível, foram sorteados 20 fãs, que ganharam prêmios não especificados. O “super-herói arrojado e audacioso” chama-se Dick (Antonio Laio), é “americano, corajoso”. Segundo a historiadora Lia Calabre²¹⁴, ele é “defensor da justiça, da ordem, da paz mundial”, o maior representante da democracia. Dois autores do seriado - Ruy Amaral e Álvaro Augusto – foram entrevistados para a revista comemorativa dos 20 anos da Rádio Nacional.

Assim como a série “As aventuras de Fred Perkins”, a trilha de abertura de “O homem pássaro” era vibrante e envolvente. No episódio “A vingança do Cérebro”, Dick está procurando “o negro Joe” na aldeia do Touro Bravo. Passando por um perigoso despenhadeiro, ouvem-se os efeitos sonoros de cavalos trotando, cavalos reagindo a uma pedra que despenca da montanha e muitos tiros. Suspense e tensão. Muitos tiros depois, homens se batem com socos. Até que Dick agarra um bandido, vai tirar-lhe a máscara, e quem surge? O velho inimigo Muller (Cahuê Filho), um nazista que persegue o mocinho. No segundo capítulo, Dick confirma para a namorada Mary (sem identificação) que irá ao Polo Norte.

“O homem pássaro”: “A vingança do Cérebro”²¹⁵

²¹³ Pude escutar o material no Departamento de Pesquisa da emissora.

²¹⁴ Lia Calabre, dissertação de mestrado “O Homem Pássaro, produção ficcional radiofônica. Na sintonia do tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1946)”, UFF, 1996.

²¹⁵ Transcrito do original, consulta feita no Departamento de Pesquisa da Rádio Nacional.

Dick (sem *gentio*) – Sim, Mary. Fomos escolhidos para acampar com o almirante Kirk no Polo Norte. O inspetor e Harris vieram me participar. Eu não sabia se devia aceitar ou não, mas você compreende.

Mary (furiosa) – Compreendo. Compreendo, sim. Compreendo que você não quer se casar. É isto que eu compreendo.

Brady – Aquele de sobretudo preto... seria capaz de jurar que aquele homem é o Oto Kruger.

Dick – Oto Kruger? O espião nazista?

Inspetor – Sim... é ele mesmo. Há pouco ele saiu da prisão. Quase não conseguiram provas contra ele. Que diabo estava fazendo esse sujeito aqui?

Brady (apreensivo) – Dick, ele deve ter ouvido nossa conversa sobre a expedição ao Polo Norte. Homem Pássaro, você acha que os nazistas teem (*sic*) algum interesse na expedição do almirante Kirk?

Dick – Depende do que vai fazer a expedição ao Polo Norte, Brady.

No capítulo 5:

Dick – Sim, vamos ver isso. Vou tirar a máscara dele (pausa). Oh...veja se lembra deste rosto.

Guarda (pequena pausa) – Não me é estranho (*sic*)... (lembrando) – Sim, aquele espião nazista que pegou tempo de cadeia porque não puderam provar nada contra ele.

Dick – Isso mesmo. Oto Kruger.

Guarda – É, Oto Kruger (pausa). – Chi... o homem morreu.

Homem Pássaro – Um nazista de menos.

Sem *script* ou qualquer outro registro, o “Barão Eixo” permanece um mistério. No jornal *Diário Carioca* do dia 2 de julho de 1943,²¹⁶ havia um anúncio do programa radiofônico juvenil. O seriado ia ao ar aos domingos, às 20h45, na Rádio Nacional. Para ilustrar o personagem, o anúncio mostrava o rosto de um homem forte e carrancudo, em frente a um microfone e a uma suástica: “Conheça Barão Eixo – o maior mentiroso da História!”

2.3.

O cotidiano dos profissionais do rádio na guerra

Na BBC, os jornalistas brasileiros e latino americanos se uniram e tentavam acompanhar o estilo de vida inglês. Era preciso enfrentar o frio, a neve, os racionamentos, as bombas e o medo com altivez. No Serviço Brasileiro da BBC, em Londres, havia grande expectativa quanto à entrada do Brasil na guerra. Mas o clima entre os latinos era de alegria e descontração, apesar de tudo. O

²¹⁶ Consulta feita na Biblioteca Nacional, na seção de microfílmes.

sociólogo Laurindo Leal Filho viu um lado positivo nessa possível alienação dos “lunáticos”, como alguns ingleses chamavam os brasileiros. “Parece que os lunáticos trouxeram para a BBC a possibilidade de conviver com a guerra de maneira menos tensa e mais criativa. Um sentimento que tomou conta também do serviço latino-americano”.²¹⁷

Os correspondentes festejaram a decisão do governo de se posicionar ao lado dos aliados. Muitos profissionais já sabiam como era viver em um país em conflito, uma vez que a grande maioria dos jornalistas brasileiros chegou à Inglaterra em 1941. Lya Cavalcanti, casada com Geraldo Cavalcanti, o Bento Fabião, foi uma delas. Ela comemorou a decisão do Brasil com uma crônica na BBC.

“O *Jornal do Commercio* de 28 de agosto de 1942 deu uma nota com o título “Rádio” em que se lia: Ao celebrar seu primeiro aniversário, o “Rádio-Magazine”, de Bento Fabião, nos deu um número comovedor. Foi o de Lya Cavalcanti, que, numa rápida crônica, narrou a emoção experimentada por ela em Londres ao saber da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália. Pequena página de ternura patriótica, digna de especial registro”.²¹⁸

No programa “A Voz de Londres”, Antonio Callado também fez seus comentários: “Londres e a notícia da entrada do Brasil na guerra”.

“Porque se a simples proximidade, criando uma espécie de comunhão com os acontecimentos, dá a estes uma repercussão mais geral, é certo que a voz dos locutores e o papel dos telegramas nos dão a segurança de que, em toda parte do mundo, nosso brado de guerra ecoou bem alto e que nossos irmãos levantam nas mãos a bandeira de guerra, desta guerra contra os que pretendiam arrastar a humanidade para alguns séculos atrás”.²¹⁹

O noticiário de guerra “Reportagens da Itália”, transmitido pela BBC para o Brasil, durava apenas 15 minutos na programação de quatro horas diárias. “O espaço relativamente pequeno dedicado à guerra fazia parte de uma política mais geral da BBC – a de tornar seus programas atraentes, conquistando o público com o talento de seus produtores, apresentadores e artistas”.²²⁰

²¹⁷ Laurindo Leal Filho, op. cit., 2008, p. 36.

²¹⁸ Elvia Bezerra, *Meu diário de Lya*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002, p.64. A autora informou que, de toda a produção de Lya Cavalcanti, apenas três crônicas restaram no Sound Archives da BBC. A citada no texto não é uma delas.

²¹⁹ Ibid., p.64

²²⁰ Lya Cavalcanti Apud Laurindo Leal Filho, 2008, op. cit., p. 35.

Os radialistas Antonio Callado, Lya Cavalcanti e William Tate contaram, nas entrevistas em comemoração ao cinquentenário da BBC, em 1988, como era a vida nos anos 40, em Londres. Havia semelhanças nos relatos: todos buscavam a normalidade, apesar de tudo.

“Viver em Londres debaixo dos bombardeios era uma coisa de uma intensidade fantástica. Primeiro, que a vida não se alterava. O bonito na Inglaterra era fazer de conta que não havia bombardeio. Quem estava tomando um drinque continuava tomando um drinque, estava comendo... Não pestanejava, era muito elegante. Então a gente tentava acompanhar os ingleses. Às vezes, ficávamos realmente imbuídos daquele espírito inglês e não nos preocupávamos com o bombardeio. Era algo tão constante, tão comum. Agora, em cidades como Liverpool e outras que foram totalmente destruídas era diferente. Porque aí você tinha gente esmagada, gente soterrada. Nós nunca tivemos uma bomba assim perto. Não tivemos notícia de bombas que nos afetassem diretamente”.²²¹

Lya detestava os *black-outs* e ter que esbarrar nas pessoas nas ruas iluminadas apenas pelas *torches*, “as luzinhas fugazes (...), que indicavam que havia pessoas em movimento”.²²² Corajosa, procurava ver de perto os bombardeios, mesmo que isso significasse risco de vida. “Nos ônibus, ao lado dos ingleses, impassíveis sob o barulho das sirenes, compartilhava a mesma coragem. Descobria afinidades”.²²³ Churchill tinha esse mesmo tipo de comportamento. Saía dos abrigos subterrâneos do governo para, sozinho, ver de perto as bombas no terraço do prédio onde ele estava.

Antonio Callado mostrava calma nesses tempos. Gostava do efeito da neve nas ruas que conheceu em 1941 e 1942. O jornalista apreciava a separação que a neve fazia entre a rua e a parede dos prédios, onde a neve formava montinhos.

“Eu morava em Londres, ali perto de Baker Street, frequentava muito o Regent’s Park, onde está o Jardim Zoológico. Você aluga(va) umas cadeiras por ali e (se) senta(va) à beira do lago. Eu levava livros. Fiz a minha cultura literária sólida nesse tempo. Lia muito, pensava muito. De maneira que o que eu mais fiz em Londres foi isso. E aguentava as bombas naturalmente quando elas caíam, paciência”.²²⁴

A belga Julienne Maria Catharine Cardinaels, que trabalhou em diferentes setores da BBC, sentia mais medo da guerra do que Lya e Callado. Ela tinha fugido dos alemães andando a pé pelos campos e conseguiu entrar em um trem em

²²¹ Ibid., p. 112.

²²² Elvia Bezerra, op.cit., p.65.

²²³ Ibid., p. 67.

²²⁴ Laurindo Leal Filho, 2008, op. cit., p. 113.

plena guerra, até chegar a Callais, na França, e, depois, em Dover, na Inglaterra. Na emissora inglesa, juntou-se ao grupo de brasileiros e, ao conhecer Francis Hallawell, apaixonou-se “à primeira vista”. Outros casais também se uniram na BBC: Antonio Callado e Jean Watson, William Tate e Nora. Já Lya e Geraldo Cavalcanti se casaram no Brasil, antes de irem para Londres.

Como precisava aprender português para trabalhar no mesmo setor de Francis, Julienne começou a ter aulas particulares com o secretário da embaixada brasileira, Pachcoal Carlos Magno²²⁵. Só que o secretário decidiu fazer uma brincadeira com a moça tímida e lhe ensinou uma série de palavrões. Certo dia, Magno decidiu acabar com a farsa. Ao lado do embaixador Muniz de Aragão, pediu que Julienne repetisse as palavras que tinha acabado de aprender. Entre risos e zombarias, só naquele momento a jovem belga descobriu até onde ia o senso de humor brasileiro.

- Eu era muito recatada, frequentei o colégio interno, minha família era muito severa. Dar um beijo no Hallawell durante o namoro? Nem pensar. Eu podia gostar dele, me encontrar, mas nada de intimidades. A gente trabalhava 12 horas e dependia da caridade para receber roupa de doação. Se queria um suéter novo, tinha que comprar lã e fazer o suéter eu mesma.²²⁶

Os latinos eram muito ruidosos, na opinião dos ingleses. “Não havia distinção entre argentinos, paraguaios, bolivianos, ou mesmo brasileiros. Da linha do Equador para baixo, eram todos *gente que habla*”.²²⁷ Antes de darem início ao turno de trabalho, os brasileiros costumavam se reunir em dois *pubs*, no Battle Axes, perto da casa de Lya e Geraldo, e no Waggon and Horses, perto da Aldenham House.²²⁸ A comida era simples, a cerveja morna, típica do país, mas o que contava era o encontro amigo.

No dia do aniversário de Lya, em 1943, o primeiro que passava em Londres, ela ganhou presentes de seus colegas, apesar dos rigores da guerra.

²²⁵ Fundador, em 1938, da Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro. Costumava recepcionar os jornalistas que chegavam a Londres para trabalhar na BBC. Este foi o caso de Antonio Callado, em 1941.

²²⁶ Julienne Hallawell, entrevistas realizadas nos dias 8/10/2011 e 7/1/2012.

²²⁷ Elvia Bezerra, *op.cit.*, p.65.

²²⁸ Francis Hallawell e Julienne não trabalharam nesse endereço, ao contrário de Callado.

“Estava na BBC, trabalhando na noite de 22 para 23, quando Simone Ruffier, ao seu lado, chamou-a para ir à sala em frente, onde Geraldo, William Tate e o anglo-brasileiro, nascido em Porto Alegre, Francis Hallawell, que era chamado de Chico da BBC, a abraçaram, dando beijos e presentes, entre os quais ruge e meias de náilon, duas raridades naqueles tempos”.²²⁹

Uma missão com jornalistas brasileiros,²³⁰ organizada pelo Conselho Britânico, chegou a Londres e foi recebida pelo embaixador Muniz de Aragão e por Antonio Callado. Em sua crônica radiofônica, Bento Fabião criou certo mistério ao descrever um homem muito alto que estava na estação naquele dia.²³¹

“O cabo do microfone foi serpenteando pelos pés da gente, em busca de uma posição mais favorável. O embaixador do Brasil e o conselheiro da Embaixada foram os primeiros a abraçar os jornalistas que estavam chegando do Brasil. Os abraços efusivos à moda brasileira intrigavam o homem de fraque e cartola de seda, e esse mesmo símbolo de solenidade temerosa intrigava todo o mundo. (...) Descobri que o grande homem era simplesmente Sua Excelência, o chefe da estação. Sempre que há viajantes ilustres, ele se veste de solenidade e vem dar as boas-vindas pela ação de sua presença silenciosa”.

Na BBC, William Tate tornou-se uma referência porque foi escolhido para o cargo de chefe do Serviço Brasileiro. Nascido em Santos, filho de uma família inglesa, teve uma história aventureira. Tate saiu de Salvador, onde estava morando na época, para trabalhar em Londres, em 1940. Mas foram tantos problemas que ele teve que enfrentar que só chegou ao seu destino no ano seguinte. Em seu relato²³², ele conta que no navio havia vários voluntários que estavam se alistando nas Forças Armadas Britânicas, inclusive seu irmão, Roberto. O navio parou em Serra Leoa, na África, para reparos, e depois, sem a ajuda do comboio que o protegia, foi na direção oeste para se desviar dos submarinos alemães, acabando na Nova Escócia, no Canadá. Dias depois, o grupo tentou ir para a Inglaterra, mas, no caminho, o navio foi torpedeado e afundou. Resgatados depois de 24 horas em alto-mar, voltaram para o Canadá. Só na terceira tentativa o grupo conseguiu chegar a Liverpool, em junho de 1941. “Seguimos de trem para Londres. Na Victoria Station estava nos esperando

²²⁹ Elvia Bezerra, op.cit., p.70.

²³⁰ Ibid, p. 67. Eram os seguintes profissionais: Alfredo Pessoa, Mário Martins, Danton Jobim, Joaquim Meneses e Joaquim Ferreira.

²³¹ Bento Fabião (Geraldo Cavalcanti), *Londres 1941-1945*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1946, pp.57-58. O autor não especificou a data.

²³² Laurindo Leal Filho, 2008, op.cit., p. 107.

Manuel Antonio Braune, o Aymerê da BBC. E, em Bush House (sede da emissora), cinco meses de salários acumulados.”²³³

William Tate também conheceu a futura mulher Nora na BBC. Ela se tornou a responsável pelas gravações dos programas.

“Um disco de 78 rotações só dura quatro minutos por lado. Uma sinfonia ocupava vários discos que precisavam ser mudados de lado a cada quatro minutos. O fim do primeiro era o começo do segundo e, para mudar de um lado para o outro, era exigida certa perícia. E ela fazia isso. Depois veio trabalhar no Serviço Latino-Americano”.²³⁴

A primeira voz feminina do Serviço Brasileiro foi a de Rachel Braune, que tinha o pseudônimo de Dulce Jacy. Ela era casada com Manuel Braune, o Aymerê da BBC. Dulce costumava dizer a uma amiga que adorava a guerra “porque aproveitava as constantes viagens do marido para dançar nos concorridos bailes do Hotel Savoy, na capital inglesa”.²³⁵ Em 1963, no depoimento em comemoração aos 25 anos do Serviço da BBC, Rachel contou como tinha sido o coquetel na Embaixada brasileira em Londres no dia 7 de setembro de 1941.²³⁶

“O embaixador Muniz de Aragão havia sido transferido para Londres depois de ter servido em Berlim, onde conhecera Hitler, Goering e Göebbels. Como era obrigatório naquela época, fizeram instalar um abrigo antiaéreo no porão da embaixada. Ali, no meio de camas de campanha e capacetes de aço, o *champagne* continuou a sua função benéfica, e o assunto só podia ser um: o que se estaria passando lá fora.

Alguns foram ver e eu fui atrás, até o terraço da embaixada. Era uma tarde linda, e no céu alto os bombardeiros alemães lançavam-se contra Londres – em formação perfeita – cortando o ar com um ruído que não tardou a nos levar de volta ao abrigo por prudência. Sem suspeitar, estávamos assistindo [ao] começo da *blitz*. (...) Quando saímos, já havia escurecido. Aymerê e eu aproveitamos o carro de uma colega do consulado para ir ver o estrago. Mas não conseguimos chegar nem perto. (...)

A noite terminou no teatro da BBC, que, pela ausência de janelas, me dava a sensação de segurança. Centenas de pessoas dormiram ali sentadas, encostadas nas paredes ou deitadas no chão. Parece incrível, mas foi possível dormir. Também foi possível, na manhã seguinte, encontrar o carro e voltar à casa para tomar banho e esquecer por alguns minutos o pesadelo da noite anterior. Quem diria que a *blitz* havia começado.”

²³³ Ibid., p. 108.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Ibid., p.116.

²³⁶ Idem.

Nessa data, a BBC organizou um programa especial para 66 emissoras latino americanas. Tentou reconstruir “o momento dramático da guerra, entre 15 de agosto e 15 de setembro de 1940, quando os alemães bombardearam portos, cidades, aeroporto e fábricas inglesas como forma de preparar a invasão da ilha”.

²³⁷

O governo brasileiro tentou organizar uma grande exposição em Londres para comemorar o primeiro ano da entrada do Brasil na guerra. Mas a Embaixada em Londres explicou que era impossível a realização do evento. No dia 2 de março de 1943, essa foi a resposta do embaixador Muniz de Aragão: “Exposição impraticável porque objetos de arte do século XVI e XVII estão guardados fora de Londres, em subterrâneos”.²³⁸ Na mesma época, foi aprovada a fundação da Anglo-Brazilian Society, que já tinha uma representação no Brasil. Uma série de atividades foi organizada em Londres. A Sociedade, em questão, tinha como objetivo:

“divulgar, na Inglaterra, a cultura e as ideias brasileiras. Para isso fora eleito um conselho dirigente composto de sete ingleses e igual número de brasileiros, entre os quais membros do Parlamento Britânico, como Thomas Cook e Arthur Evans. Da parte do Brasil, o grupo era formado por Antonio Callado, Paschoal Carlos Magno, Geraldo Cavalcanti, Simone Ruffier, entre outros”.²³⁹

No Brasil, Silvia Cardim Garcia Braga²⁴⁰ - hoje, aos 84 anos – tinha como costume ouvir a BBC durante a guerra, junto com sua família.

- Eu era filha de Francisco, ministro do Tribunal Superior do Trabalho, e sobrinha de Elmano Cardim, dono do *Jornal do Commercio*. Durante a guerra, ouvíamos muito o rádio. Eu morava na Urca, e na minha casa tínhamos mais de um rádio. A gente gostava de ouvir rádios estrangeiras. O jornal no rádio todo mundo ouvia junto. Para pegar as rádios estrangeiras no rádio, a gente tinha que botar na frequência de ondas curtas para ouvir as notícias de guerra. O rádio apitava. Era só mexer no *dial* pra lá e pra cá para achar a frequência. Tinha certa estática, mas pegava bem porque tínhamos rádios possantes e muito bons. Um radinho qualquer não pegava.

Uma vez aconteceu uma coisa muito engraçada. O meu tio Elmano estava almoçando lá em casa. O meu irmão tinha uma estação clandestina de rádio na garagem, e, junto com os amigos, brincava de interferir nos programas. Eles chamavam um amigo inglês do meu pai, o John King, que estava lá em casa

²³⁷ Laurindo Leal Filho, op.cit., 1998, p. 34.

²³⁸ Arquivo Histórico do Itamaraty, documentos da Embaixada brasileira de 1942.

²³⁹ Elvia Bezerra, op.cit., p. 73.

²⁴⁰ Entrevista feita por mim, por telefone, em 27/12/2011.

também, e fizeram com que ele imitasse o locutor da BBC. Ele anunciou que o Hitler tinha acabado de morrer. O meu tio deu um ataque achando um absurdo ele não saber desta notícia antes de todo mundo e já estava ligando para o jornal para dar uma bronca quando percebeu que era uma brincadeira. No (falso) rádio, o locutor dizia que Hitler morreu de uma indigestão de chucrute. Foi muito engraçado.

Minha família não gostava de Getúlio e até limpava a boca quando falava no nome dele. Sempre fomos contra a ditadura e sabíamos que ele era germanófilo, ficava em cima do muro e fazia barbaridades. Quando os submarinos alemães começaram a afundar os navios brasileiros, Getúlio teve que agir, foi empurrado. Aí ele teve que mudar. Gostávamos de ouvir o noticiário da BBC, que era sério. Tinha a hora certa dos noticiários.

O jornalista e escritor Alberto Dines, 80 anos, adolescente durante a guerra, também se lembra de ouvir a BBC. No bairro de Vila Isabel, seu pai, Israel Dines, acompanhava as notícias com apreensão. Todos os parentes haviam ficado em Rovno, na Ucrânia, e não conseguiam mandar notícias para o Brasil.²⁴¹

Meu pai estava angustiado. No início, tínhamos um rádio Philips, modelo capelinha, com muita estática, que não pegava ondas curtas. O segundo rádio era melhor, podíamos sintonizar as ondas curtas e longas. O olho mágico ajudava na sintonização.²⁴² Eu me lembro de um programa de radioteatro que falava da guerra, com barulho de avião, ordens e tudo. Eu escutava o locutor Aymberê da BBC²⁴³. Ouvíamos também o “Repórter Esso”, o despertador do Brasil. Havia várias edições cinco minutos antes das horas cheias, além das edições especiais.

- No desembarque das tropas aliadas, em 6 de junho de 1944, nós acordamos de madrugada, e todos começaram a se comunicar por telefone, avisando para ouvirmos o rádio. Era o começo do fim do nazismo. Foi inesquecível.

Em 1940, o famoso escritor Thomas Mann²⁴⁴ recebeu um convite da BBC para “escrever breves falas, comentar os acontecimentos da guerra e buscar influenciar alemães. Mann não desperdiçou a oportunidade”.²⁴⁵ Ele havia perdido a cidadania alemã e conseguiu asilo nos EUA, em 1938. Primeiramente, mandava os textos por telégrafo, e um funcionário da BBC deveria ler o material ao

²⁴¹ De toda a extensa família, só sobreviveu um parente de Dines. Rovno foi invadida pelos russos e depois pelos alemães.

²⁴² A luz verde tinha dois pontos que precisavam se encontrar para a perfeita sintonia.

²⁴³ *O rádio no Brasil. BBC Serviço brasileiro*. Londres: BBC World Service Publicity Design, 1989. Manuel A. Braune, a primeira voz do Serviço Brasileiro da BBC, na primeira notícia, em 1938, descreveu o desfile do Führer: "O senhor Hitler entrou hoje à noite em Viena no meio de um entusiasmo formidável. De pé, no seu carro aberto, respondeu repetidamente com a saudação nazi às aclamações da multidão. O seu automóvel era precedido por onze carros blindados cheios de soldados alemães".

²⁴⁴ Autor de *Os Buddenbrooks* (1901), *Morte em Veneza* (1912) e *A montanha mágica* (1924), uma das obras que mais influenciaram os homens do século 20.

²⁴⁵ Thomas Mann, *Ouvintes alemães! Discursos contra Hitler (1940-1945)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Orelha do livro sem autoria.

microfone em alemão. Depois, preferiu algo menos complicado. “Tudo que tenho a dizer é agora gravado no Recording Department da NBC, em Los Angeles; a gravação é enviada a Nova York por via aérea e então transferida, por telefone, para outra gravação em Londres, onde é executada diante do microfone”.²⁴⁶

Com esse método, Thomas Mann encontrou uma maneira de se manifestar: suas opiniões radicalmente contrárias ao nazismo. “Dessa forma, não apenas minhas palavras, mas minha própria voz (...) [é] ouvida por aqueles que se atrevem à escuta clandestina”²⁴⁷, escreveu no primeiro prefácio do livro lançado em fevereiro de 1942. O governo nazista proibia e castigava quem ouvisse as transmissões da BBC na Alemanha e nos países ocupados. Por essa razão, os interessados precisavam se esconder para fazer a escuta clandestina.

“As rádios estrangeiras não podiam ser ouvidas, e se algum alemão infringisse a determinação, era considerado criminoso e poderia ser condenado à morte. Em 1940, um único programa de rádio era transmitido, obrigatoriamente, por todas as emissoras da Alemanha, sob orientação expressa de Goebbels”.²⁴⁸

Criticando Hitler abertamente, Thomas Mann mostrava ao povo alemão as mentiras que estavam sendo ditas pela imprensa e pelos microfones do III Reich. Mann levou um susto ao saber que o próprio Hitler o escutava. Ouvir a BBC na Alemanha e nos países ocupados era motivo para prisão e punições severas. “O Führer já expressou muitas vezes o seu desprezo pelo povo alemão, a sua convicção sobre a covardia, submissão e estupidez dessas pessoas, sobre a sua infinita habilidade de engolir mentiras”²⁴⁹. Convicto de suas ideias, três anos antes de a guerra acabar, o escritor afirmou que ela poderia ter sido evitada. No futuro, dizia Mann, as consequências (terão) “pesada carga moral” para o povo alemão.

“A prova mais cabal de que é assim – uma prova ao mesmo tempo divertida e asquerosa – é dada pelo fato de que meu próprio Führer, em um discurso numa cervejaria de Munique, aludiu de forma inconfundível às minhas emissões e disse que eu era um desses que tentam incitar o povo alemão à revolução contra ele e seu sistema”.²⁵⁰

²⁴⁶ Ibid., p. 8.

²⁴⁷ Ibid., pp. 8-9.

²⁴⁸ Sandra de Deus, “Goebbels e as potencialidades do rádio na Alemanha nazista”, in Cida Golin & João Batista de Abreu (orgs.), *op.cit.*, p.77.

²⁴⁹ Thomas Mann, *Ibid.*, p.9.

²⁵⁰ Thomas Mann, *idem.*

Ao contrário da BBC que irradiava o afundamento de um navio inglês apenas uma vez em seus noticiários para não confundir o ouvinte (poderia achar que muitos navios teriam sofrido ataques alemães naquele mesmo dia), a Rádio Berlim repetia incansavelmente a mensagem. No caso, a tentativa era que a repetição tornasse a mentira verdadeira. “O Serviço Exterior nazista era transmitido a partir de Zeesen, em 55 idiomas, para atrair os ouvintes estrangeiros à causa nazista e usá-los como corpo intermediário para respaldar a tarefa das embaixadas alemãs”.²⁵¹

No primeiro discurso, irradiado em outubro de 1940, Mann explicou que era um escritor alemão perseguido e proscrito pelos governantes alemães. Desde 1942, ele já denunciava as mortes e os massacres de judeus.

“Ouvintes alemães! A notícia soa incrível, mas minha fonte é segura. Em inúmeras famílias judias holandesas (...) reina um luto por filhos que tiveram mortes horríveis. Quatrocentos jovens judeus holandeses foram levados para a Alemanha para servir de objetos de pesquisa com gás venenoso. (...) Eles estão mortos – morreram pela “nova ordem” e pela engenhosidade bélica da raça dos senhores. Para isso, até que serviram. Eram só judeus!”²⁵²

Esses fatos não estavam presentes nos jornais ou rádios brasileiros. O jornalista Alberto Dines afirmou que “a máquina de propaganda dos Aliados contra Hitler focava os aspectos bélicos. Ressaltar a violência do antissemitismo nazista poderia até atizar os focos de antissemitismo que existiam no mundo livre”.²⁵³ (...)

“Em 1942, tinha-se apenas uma pálida ideia das barbaridades cometidas pelos nazistas. O assunto não estava embargado, simplesmente não se conhecia o que se passava nos países ocupados. A história dos judeus portugueses em Amsterdã é uma exceção”, explicou Dines.²⁵⁴

²⁵¹ Sandra de Deus, *ibid*, p. 77.

²⁵² Thomas Mann, *Ibid.*, p. 71.

²⁵³ Alberto Dines. Entrevista feita por *e-mail* no dia 22 de agosto de 2012. Dines explicou que “o próprio Stefan Zweig, na correspondência com seu guru Romain Rolland, dizia, ainda em 1933, que a tônica da oposição a Hitler não poderia ser baseada apenas no antissemitismo nazista. A violência contra os judeus era uma violência contra a humanidade. Não estava errado”.

²⁵⁴ *Idem*. “Só depois do levante do gueto de Varsóvia e de sua destruição é que começaram a chegar relatos mais impressionantes. A história mais forte foi o arrasamento da cidadezinha tcheca Lídice, em junho de 1942. Neste episódio, Hitler fez questão de mostrar ao mundo sua capacidade de esmagar qualquer resistência.”

Reunidos em clubes em várias cidades brasileiras, os alemães acompanhavam as *Sondermeldung*, dramatizações que misturavam músicas clássicas e bélicas, silêncio dramático e muita propaganda nazista. “Uma espécie de edição extraordinária ou plantão de notícias com características apelativas que normalmente distorciam os fatos.” Sandra de Deus acredita que havia cerca de “600 mil o número de alemães no início da guerra e, na Argentina, a comunidade alemã chegava a 150 mil”.²⁵⁵

Os discursos do primeiro-ministro Churchill ficaram famosos na BBC, mesmo com sotaque empolado. No dia 13 de maio de 1940, Churchill fez uma declaração importante: “Perguntam-me qual é o nosso objetivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória, vitória a todo custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz, porque sem a vitória não sobreviveremos”.²⁵⁶ Positivo e firme, o primeiro-ministro não hesitou diante das ameaças inimigas. “Jamais nos renderemos à servidão e à vergonha, qualquer que seja o custo e a dor... A longa noite de barbárie poderá descer, a menos que nós vencemos... nós temos que vencer... venceremos”.²⁵⁷ Ao elogiar os jovens pilotos da RAF, disse: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos”.

As mudanças na BBC foram visíveis depois de uma pesquisa feita em 1940. A emissora inglesa descobriu que a população não estava satisfeita com as transmissões. Assim, o governo entendeu que era preciso contar com o apoio da população e que a “tia” (*auntie*), como era chamada, tinha que criar um vínculo emocional com a população. “Não bastavam comunicados de guerra e apelos à participação popular. (...) A baixa resistência civil à invasão da França pelos nazistas foi atribuída ao papel desempenhado pelo rádio alemão sobre o povo francês”.²⁵⁸

Assim, para garantir intimidade e identificação, a emissora fazia o noticiário de guerra, mas também irradiava programas de humor, peças de teatro, literatura e atrações que contavam com a participação da plateia. “Nesse processo,

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ <http://educacao.uol.com.br/biografias/winston-churchill.jhtm>

²⁵⁷ Laurindo Leal Filho, op. cit., 1991, p.70.

²⁵⁸ Sandra de Deus, idem.

muitas vezes delicado, a BBC conseguia conquistar a simpatia da população ao tornar-se praticamente a única forma de contato direto entre os soldados na frente de batalha e suas famílias. Ou entre as crianças evacuadas de Londres para o exterior e os seus pais na Inglaterra”.²⁵⁹

Julienne e Francis decidiram se casar em plena guerra. Os racionamentos, toques de recolher, cupões de racionamento, *black-outs* e o medo faziam parte do cotidiano do casal. Apesar disso, eles conseguiram fazer uma cerimônia em uma igreja, e reuniram alguns convidados, parentes e amigos que moravam em Londres, na época. Com sorte, Julienne e Francis tiveram um mês de licença para a lua de mel “sem vencimentos” da BBC.

- Nós nos casamos no dia 26 de junho de 1943, não me lembro em que igreja de Cheltenham²⁶⁰. Eu estava feliz, mas chorei o tempo todo porque não tinha ninguém da minha família na cerimônia²⁶¹. As pessoas que vieram comigo da Bélgica não permaneceram juntas na Inglaterra. Francis era protestante e eu católica, mas isso nunca foi impedimento para nada. Passamos a lua de mel em Loch Awe, na Escócia. Eu tinha algumas economias e ajudei a pagar o hotel. Ficamos em um castelo, longe dos bombardeios em Londres. Foi uma maravilha.²⁶²

Os parentes de Francis Hallawell, que estavam no Rio de Janeiro, prepararam uma festa para comemorar simultaneamente o casamento do parente que estava em Londres. Com direito a bebidas, salgados e bolo, praticamente todos os convidados escreveram mensagens de felicitações em um livro de capa marrom, que a viúva de Francis Hallawell guarda até hoje. Além de dedicatórias, poesias, desenhos e pinturas, o álbum de recordações contém uma mensagem de agradecimento do noivo, escrita mais tarde, com várias menções ao rádio. Julio Ferrez²⁶³, pai do cunhado de Francis, Eduardo Ferrez, se referiu à guerra escrevendo à moda antiga:

²⁵⁹ Ibid., 1998, p. 71.

²⁶⁰ St. Gregory’s Church segundo o recorte de jornal, sem nome, guardado pela sobrinha de B.A., Rosalind Milne. Foram ao casamento o “tio” Harry, piloto da RAF e líder do esquadrão que lutou nas duas guerras; a irmã de Francis, Beatrix Ashlin; “tia Alice”, a feminista, irmã do pai de B.A.; a prima de Francis, Bebita, que também era da Força Aérea inglesa e a antiga babá. Do lado da noiva, só foram o pai adotivo de Julienne, Elsom, e seu filho, John.

²⁶¹ Os parentes de Julienne, que estavam na Bélgica em guerra, só souberam da união algum tempo depois.

²⁶² Julienne Hallawell, entrevistas op.cit.

²⁶³ Júlio Ferrez (1881-1946).

“Casamento em tempo de guerra! Talvez seja mais acertado. Já se tem prática de bombardeio, de ataques (sic) com a louça de casa, limpeza de entulhos, receos (sic) estratégicos, enfim toda a estratégia prática para uso diário e gerencia doméstica. E no início de toda a barafunda, o nosso *speaker* da BBC descobriu (sic) uma flor da Bélgica que lhe iluminou (sic) a estrada da Felicidade. Às vésperas da invasão, nós que estamos tão longe, separados por mais de 3.000 milhas de mar, poderíamos oferecer (sic) umas flores, as flores da amizade ao partir para uma viagem de núpcias.”

Julienne contou sobre as dificuldades de sobrevivência na época. Mesmo em um país que estava lutando contra os inimigos do Eixo, ela sentiu que havia certo preconceito entre os ingleses: eles não gostavam de alugar casas para judeus.

- Fomos morar na parte de cima de uma casa em Londres.²⁶⁴ Era muito chato, porque tínhamos que esperar a família acabar de comer e desocupar a cozinha para comermos alguma coisa. Éramos recém-casados, queríamos ficar juntos, ter intimidade. Vi então que havia um apartamento mais independente, em uma casa perto. Implorei para que os donos me alugassem. Fiz uma cara muito triste. As mulheres sabem fazer isso muito bem. Implorei para a família: “*Help me*”. E eles me alugaram o apartamento que não ficava muito longe de Londres. Nós dois ganhávamos muito pouco, mas conseguimos.

- Até hoje não sei por que os ingleses não gostavam de alugar casa para os judeus. Francis tinha um nariz grande e parecia ser judeu. Não foi ele quem conseguiu o apartamento, fui eu. Sei que, às vezes, ele saía e conseguia trazer alguns produtos de uma venda. Acho que era porque ele parecia judeu.

- Na BBC, pedi para trabalhar na seção latino-americana e consegui. Ficava em Hertfordshire. A base de Francis ficava em Londres. Eu fazia cópias das reportagens. Aprendi muito português porque estava sempre no meio de brasileiros.

- Os alemães tinham dirigíveis que mandavam para Londres, e a gente nunca sabia onde iriam explodir. Era uma coisa horrível. Os dirigíveis eram sem piloto e, de repente, o motor parava, caía e explodia tudo. Por isso, cavamos um buraco grande no terreno da casa onde morávamos, e lá colocamos beliches.

²⁶⁴ Na legenda da foto do casamento, o redator do jornal se refere ao “*war-time home, at 3, Pittville-lawn, Cheltenham*”.